

A Arteriais segue, continuamente, na mobilidade das fronteiras, nas discussões e aproximações de linguagens, mergulhando neste mar denso de possibilidades, apresentando diversas visões e existências. A Arteriais nº 05 traz artigos múltiplos que pretendem refletir sobre a arte, em momentos tão delicados pelos quais passamos, em que a arte segue viva como ato de resistência.

Na seção **PORTFÓLIO Éder Oliveira** apresenta sua maneira de pensar a arte, por meio de seus projetos, com pinturas à óleo, murais e objetos, articulando questões sobre sujeito e apagamento, revelando situações e complexidades presentes no cotidiano; ao pintar indivíduos marginalizados, pesquisados em páginas de jornal, sujeitos que podem ser vítima ou criminoso, bem como outros, militares, que vivem também em tensão, operando em situações limítrofes, o artista subverte o papel clássico do retrato à óleo.

Na seção dos **ARTIGOS**, temos: **A Loteria do Diabo: uma comédia mágica. O teatro como lugar da história e da memória**, em que Valéria Maria Chaves de Figueiredo e Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira, relatam a montagem de uma adaptação desta comédia musical portuguesa do Século XIX, de Joaquim Augusto de Oliveira, encenada por professores e alunos da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da UFG; promovendo reflexões nos campos da dança, do teatro e da música e as relações educacionais na produção artística e acadêmica. No artigo **Irresistível violência: a representação da violência na dramaturgia do pós–segunda guerra mundial**, Rui Pina Coelho, reflete sobre a violência na sociedade e a sua representação artística que têm propiciado debates calorosos. Este texto reflete sobre um corpus selecionado de dramaturgia britânica de matriz realista do pós–Segunda Guerra Mundial, um período compreendido entre 1951, data de estreia da

peça *Saints's Day*, de John Whiting, e 1967, ano de estreia de *Dingo*, de Charles Wood. Ao olhar para o cinema, temos o **Lua de Fel: da paixão à repulsa; das tentações às evidências do sexo**, de Bene Afonso Martins e Marco Antônio Moreira Carvalho, onde articulam sobre o filme *Lua de Fel (Bitter Moon)* (1992) ao expor relações erótico–amorosas em suas complexidades. A trama do filme perpassa a linha do subjetivo, num jogo perverso entre o aspecto estético e o ético. Sobre dança temos o artigo **Sufi night: music, ritual and ecstasy on the contemporary scene**, de Giselle Guilhon, que vem revelar uma etnografia de passagem – onde a autora faz uma reflexão entre os “transes vertiginosos” ativados nas pistas de rave e os “transes esotéricos” experimentados pelos participantes de sessões de sufis. Contamos ainda com uma **entrevista** com o escritor e dramaturgo paraense Dênio Maués, que fala sobre suas produções nas áreas do videoarte, cinema, teatro e seus referenciais poéticos. Suscitando reflexões sobre música e artes visuais temos o artigo **Renascimento e Barroco – um paralelo contrastante através da pintura e da música**, de José Costas D'Assunção Barros, onde busca analisar sobre as relações entre Artes Visuais e Música, elaborando uma apreciação comparativa entre a arte renascentista e a arte barroca.

Temos ainda o artigo **Entre o sêmen e o dendê: aproximações do orixá exu na fotografia de Ayrson Heráclito**, onde Mateus Raynner André de Souza, propõe pensar questões e símbolos ligados ao orixá Exú que estão presentes na fotografia Sêmem “EXU” de Ayrson Heráclito. A partir dos mitos do orixá e de sua história será possível analisar questões que envolvem a arte e a religiosidade afrobrasileira, pensando narrativas possíveis através do corpo negro. Também abordando **O Corpo Negro, as Marcas e o Trauma**, Sheyla Cabo Geraldo, trata da representação

destes corpos escravizados, das violências, dos apagamentos empreendidos pelo colonialismo e suas marcas nestas sociedades colonizadas, revelando cenas dialéticas que denudam, por meio da crítica, desvelando imagens–denúncia presentes na arte a partir da obra de Rosana Paulino para contextualizar um território.

Já na área da arte–educação, temos o artigo **Educação para a arte na Amazônia: caminhos como vias de escolhas**, de Vânia Leal Machado, que investiga a mediação cultural entre arte e público nas suas múltiplas relações integradas aos segmentos do projeto curatorial do Salão Arte Pará, pensando caminhos de construção sobre um discurso de educação para arte na Amazônia. O artigo **Rostidade e Educação**, de Maria dos Remédios de Brito aborda a partir do pensamento de Deleuze–Guattari a ideia de rostidade, passando pelas configurações de subjetivação, bem como seus possíveis atravessamentos pelas dobras da educação. E fechando a edição número 05 temos a inventiva partitura musical, **Quarteto Mínimo**, de Valério Fiel da Costa, que trabalha com orientações para a performance, apostando na interpretação do leitor, em um exercício dinâmico e de independência no fluxo da execução da peça.

São diversos olhares acerca da arte brasileira e mundial, que nos lançam desafios para analisar e debater sobre a arte, num espaço de reflexão importante, que vem a partir de uma universidade, com o compromisso de manter as discussões sobre a prática artística de maneira ampliada e democrática. E perceber a importância do lugar da arte como um território de pensamento e de práticas de liberdade!

Os editores